

Agrotóxico será controlado

05 JUL 1986

CORREJO BRAZILIENS

DF - Agricultura

Pesquisa vai determinar o grau de intoxicação no DF

05 JUL 1986

O aumento do consumo de defensivos agrícolas nos últimos 10 anos, sem maiores cuidados por parte dos agricultores, tem causado um crescente número de casos de trabalhadores rurais com intoxicação por inseticidas. A falta de dados sobre esses casos está levando a Fundacentro - órgão ligado ao Ministério do Trabalho - a promover uma pesquisa em nove Estados para determinar o grau de intoxicação dos agricultores. Em Brasília, o trabalho começará na próxima semana, com atendimento a diversos agricultores na Ceasa.

A pesquisa, que será realizada em três etapas, vai atingir cerca de 2 mil trabalhadores e produtores rurais de 10 regiões agrícolas do DF: Vargem Bonita, Pipiripau, Tabatinga, Rio Preto, Alexandre Gusmão, Planaltina (Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado, da Embrapa), Brasília, PAD-DF e Centro Nacional de Pesquisa de Hortalça, no Gama. Uma equipe de 10 técnicos, entre agrônomos, médicos sanitários, técnicos em laboratório e agentes de saúde farão a coleta de sangue do trabalhador. O resultado, mostrando o grau de intoxicação, é obtido em 20 minutos.

A partir daí entram os outros órgãos envolvidos no trabalho, como as secretarias de Saúde, Trabalho e Agricultura. A secretaria de Saúde se encarrega de prestar assistência médica aos intoxicados. As do Trabalho e Agricultura vão promover cursos para os trabalhadores e produtores rurais a respeito do uso correto dos defensivos. Para mobilizar a população rural, a Fundacentro espera contar com o apoio de entidades, como a Contag.

DESCUIDO

Segundo dados da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas, em 1984 o País consumiu 125 mil toneladas de defensivos, entre inseticidas, fungicidas, formicidas, herbicidas, nematocidas e raticidas. No mesmo ano, no Paraná, 809

agricultores apresentaram intoxicação e 23 casos foram fatais. No Hospital de Base também em 1984, foram atendidos 198 casos. No mesmo período, a região Centro-Oeste (já excluído Mato Grosso do Sul) consumiu 360 mil toneladas de inseticida e 271 de fungicida.

Muitos dos agrotóxicos utilizados no DF são justamente os classificados como altamente tóxicos (faixa vermelha) e medianamente tóxicos, (faixa amarela) que exigem, para ser aplicados, uso de máscaras protetoras, óculos, chapéus impermeáveis de abas largas, botas impermeáveis, macacões com mangas compridas e avental impermeável. Entre estes produtos se encontram o Afidrin, Endrex 20, Exadrin, Phostoxin, Lannate e Gramoxone (altamente tóxicos), e o Aldrex 4, Tributon 70, Herbicin, Dimetoato, Tiomet 40 CE e Zolone (medianamente). Existem ainda produtos classificados como pouco tóxicos (faixa azul) e praticamente não tóxicos (verde).

Os sintomas de intoxicação são fáceis de ser detectados: dor de cabeça e indisposição, dificuldade respiratória, mal-estar, diarreia, tontura, náuseas e vômitos, suor excessivo e perturbação da visão. Nesses casos, as primeiras providências a serem tomadas pela vítima são: deixar o serviço; repousar ao ar livre; manter-se calmo e evitar esforço físico. Aguardar a visita de um médico ou levar a vítima imediatamente ao hospital mais próximo.

Porém, por descuido ou desconhecimento de causa, esses cuidados para a aplicação geralmente não são observados. Além disso, afirma a diretora do Centro Estadual da Fundacentro, Eliane Pimentel, há um uso exagerado dos produtos. "Os agricultores continuam a fazer a aplicação preventiva, o que é tecnicamente condenável. Antes mesmo da praga aparecer, a lavoura já está saturada de defensivos". Dessa for-

ma, o período de carência do alimento (prazo entre a aplicação do agrotóxico e sua liberação para o consumo sem riscos) não é respeitado.

EDUCAÇÃO

"Isso é notório, já que o agricultor não tem cuidado nem com sua própria saúde. Eu já vi trabalhador rural manter o dedo no veneno e pôr na boca, dizendo que sabe usar o produto, que seu avô já o usava, e que ele não faz mal a ninguém". A afirmação é de Hipérides Farias, secretário Nacional Substituto da Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária, do Ministério da Agricultura. Para ele, a única forma de mudar o quadro da agricultura brasileira em relação ao uso de defensivos é através da educação dos filhos dos produtores e trabalhadores rurais, "pois essa geração aí está perdida".

E preciso fazer um trabalho a partir da pré-escola, principalmente no meio rural. Só desse modo poderemos melhorar, porque a fiscalização do uso é insuficiente, não temos verbas nem pessoal para atender a essa carência. Além do mais, é um trabalho quase impossível, seria necessário um técnico para cada agricultor para que se pudesse verificar como o produto está sendo utilizado".

Hipérides conta ainda que no Nordeste há pouco se descobriu que agricultores estavam usando BHC para a criação de peixes. O BHC é um veneno fortíssimo, há décadas proibido de ser usado como defensivo nos Estados Unidos. No Brasil, esta proibição tem apenas três anos.

Hipérides critica também a forma como o Governo trata o assunto, encarregando diversos órgãos de fiscalizar e orientar o uso dos defensivos. "Só nisto estão envolvidas a Sema, os Ministérios da Saúde, Trabalho e Agricultura. E cada um com pouco pessoal e pouquíssimas verbas. Era melhor juntar tudo num só órgão habilitado para a função".